

USOS DA FÓRMULA “SUSTENTABILIDADE” NA ÁREA DA SAÚDE: O EXEMPLO DAS PRÁTICAS DO VOLUNTARIADO EM HOSPITAIS

Uses of the ‘sustainability’ formula in the health area: the example of volunteering practice in hospitals

Tatiana PICCARDI (UNIFESP/FAPESP/AHPAS, São Paulo, Brasil)

Abstract

The term ‘sustainability’ and its variations has become what Krieg-Planque (2011, 2010) calls ‘formula’. In this paper, I propose to (i) discuss the use of the ‘sustainability’ formula in the health welfare from the experience of volunteers working in this area, reflecting on the causes and consequences of its diffusion; and (ii) investigate the usefulness of this linguistic-discursive concept for understanding the social contexts in which certain lexical items are circulating as a formula.

Key-words: *Discourse. Discourse analysis. Formula. Sustainability.*

Resumo

O termo “sustentabilidade” e suas variações tornou-se o que Krieg-Planque (2011, 2010) chama de “fórmula”. Neste artigo, me proponho a (i) discutir o uso da fórmula “sustentabilidade” na área da saúde a partir da experiência de voluntários atuantes nessa área, refletindo sobre as causas e consequências de sua disseminação; e (ii) averiguar a utilidade desta noção linguístico-discursiva para a compreensão dos contextos sociais em que certos itens lexicais passam a circular como fórmula.

Palavras-chave: *Discurso. Análise do discurso. Fórmula. Sustentabilidade.*

1. A fórmula “sustentabilidade”

O termo “sustentabilidade” tem sido a palavra-chave que orienta toda a ação política e econômica da atualidade e parte crescente das ações do chamado terceiro

Usos da fórmula “sustentabilidade” na área da saúde: o exemplo das práticas do voluntariado em hospitais

setor. Nascido, em um primeiro momento, da premência ambiental que levou à revisão das práticas econômicas predatórias; e, em um segundo momento, da necessidade de se promover equidade social (correlato de uma economia não predatória), o termo “sustentabilidade” e suas variações – desenvolvimento sustentável, economia sustentável, sustentabilidade social – tornou-se o que Krieg-Planque (2011, 2010) chama de “fórmula”, ou seja, um elemento do léxico que gradualmente se consolidou pelo seu uso sociopolítico e que se insere, parodiando as palavras da autora, em um conjunto de práticas de linguagem e, em consequência, de relações de poder e de opinião, em um momento dado, em um espaço público dado.

Para se consolidar como fórmula, o termo deve (i) ser linguisticamente cristalizado, (ii) circular por diferentes campos como referente social, (iii) manter sua polemicidade, e (iv) ter potencial de se preencher de diferentes sentidos, ou seja, de construir-se em discurso. Observe-se que tais propriedades, que caracterizam um item do léxico como fórmula, não precisam ser plenamente contempladas. Como nos diz Krieg-Planque, essas quatro propriedades podem estar presentes de modo desigual (por exemplo, “cristalização” forte, mas “caráter polêmico” fraco) e, de outro lado, cada propriedade pode ser mais ou menos bem preenchida no contexto de sua enunciação. O que, a meu ver, determina entender como “fórmula” determinado elemento do léxico, além do preenchimento relativo das propriedades mencionadas, é a sua eficácia no meio social em que circula, ou seja, sua performatividade ou efeito mobilizador.

O termo “sustentabilidade” preenche tais condições, na medida em que (i) é termo cristalizado do léxico (deriva de “sustentável”, que por sua vez provém do latim *sustentare* - sustentar; defender; favorecer, apoiar; conservar, cuidar); (ii) é referente em diferentes campos da atividade humana, em práticas consideradas ecologicamente corretas, economicamente viáveis, socialmente justas e culturalmente diversas; (iii) é polêmico, embora se consolide como fórmula em discursos cada vez mais hegemônicos; e (iv) constrói-se em discurso, mantendo assim sua heterogeneidade e possibilidade de múltiplas acepções. O efeito mobilizador é aparentemente indiscutível, na medida em que sua enunciação promove positivamente a instância enunciativa, promove a adesão dos sujeitos aos discursos em pauta e a implementação de novas práticas sociais.

2. Sustentabilidade na área da saúde: uma dupla compreensão

Na área da saúde ocorre a apropriação da fórmula, que tem sido recorrentemente utilizada para se referir à promoção da saúde via educação e luta pela garantia dos direitos previstos constitucionalmente. Tem também sido utilizada como uma espécie de sinônimo para o que se entende por integralidade do tratamento, ou seja, o conjunto de ações de caráter médico e social que devem ser empreendidas para a prevenção, a melhor condução do tratamento e obtenção da cura e/ou qualidade de vida. Esta apropriação ocorre sem aparentes contradições com as características gerais da fórmula “sustentabilidade”, e seu uso está sendo rapidamente assimilado pelas instituições, públicas e privadas, que atuam na área. Observa-se que “sustentabilidade” é uma fórmula que se refere a práticas sustentáveis em saúde visando ao bem estar geral do paciente. “Bem estar”, ou “qualidade de vida”, também circulam como fórmulas, cuja amplitude semântica permite um uso igualmente amplo nas práticas em saúde, tornando possível que os sentidos que venham a disseminar se construam de modo alinhado ao que se entende por “sustentabilidade em saúde”.

Proponho, neste trabalho, discutir brevemente a heterogeneidade discursiva da fórmula, tal qual circula na área da saúde, observando as falas dos voluntários que nela atuam. A atuação do voluntário da área da saúde, em especial o que atua diretamente dentro dos hospitais, se insere no conjunto de ações promovidas pelo sistema de saúde e pelo terceiro setor para a promoção da integralidade/sustentabilidade do tratamento.

Meu objetivo é refletir aqui sobre a ação voluntária no âmbito da sustentabilidade em saúde e assistência social, entendida como integralidade do tratamento. Observamos que há uma tensão entre uma compreensão mais estritamente econômica da fórmula “sustentabilidade” – mais ligada às práticas de gestão – e uma compreensão que profissionais de saúde e voluntários têm do termo – mais voltada à integralidade do tratamento, ligada diretamente à relação de afetividade e solidariedade para com doentes e assistidos. Nesse sentido, circula com bastante frequência no âmbito hospitalar o termo “humanização”, correlato forte de “sustentabilidade” e termo preferido quando o que está em questão é o paciente, e não o sistema de saúde em seu conjunto.

Usos da fórmula “sustentabilidade” na área da saúde: o exemplo das práticas do voluntariado em hospitais

A prática voluntária junto a pacientes em hospitais (que me interessa mais de perto) só pôde começar a ser entendida como prática de sustentabilidade a partir de coerções dos novos discursos em saúde que incorporaram a fórmula. Os sujeitos voluntários envolvidos nessa prática, motivados primordialmente por solidariedade, não relacionam diretamente sua atividade, inclusive discursiva, à questão da sustentabilidade. Essa relação, incipiente, está se construindo com o tempo, na medida em que se amplia o entendimento do que seja a esfera econômica – que não se desvincula mais das esferas da saúde, educação e cultura, mas as promove, ou deve promover, com todas as implicações decorrentes. A preferência pelo termo “humanização”, inclusive entre os profissionais de saúde, parece justificar-se no fato de ser mais bem assimilada pelo voluntariado, que se identifica com o termo mais facilmente do que com o termo “sustentabilidade”.

O que a tensão promovida por essa dupla compreensão pode significar? Parte da resposta a esta pergunta pode estar nos resultados finais de pesquisa recentemente realizada na Unicamp (mais especificamente, no Instituto de Estudos da Linguagem), intitulada *A identidade do voluntário no mundo do trabalho: construção de um novo perfil*¹. O objetivo central, esboçado já no projeto de pesquisa, foi o de analisar como se dá a construção da identidade nos discursos do voluntariado, em particular do voluntariado em saúde e assistência social hoje, em nosso país. Para tal, foram analisadas falas institucionais (que representam e constroem as organizações que agregam trabalho voluntário, em geral instituições do terceiro setor, que entendem a prática voluntária como forma de trabalho); e não institucionais (as falas do voluntário em atividade, que não entende sua ação necessariamente como trabalho), buscando-se compreender melhor que sentidos se construía, que identidades se constituía na atividade voluntária e quais as implicações sociais desses processos discursivos. Concluiu-se que os discursos institucionais sobre a prática voluntária estão sendo incorporados pelos voluntários da área de saúde e assistência social, que cada vez mais entendem sua prática como trabalho, mas um trabalho que visa à construção de uma sociedade mais solidária frente à doença e ao desamparo. Tal modo de construir-se a si mesmo se alinha ao que nos diz Gorz (2003:159):

¹ Pesquisa realizada com apoio Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e publicada pela Editora Annablume, em 2012.

A cooperação solidária no seio das comunidades e das associações voluntárias é a base por excelência da integração social e da produção de laços sociais. É partindo dessa base, e ampliando-a, que uma reconquista da sociedade e uma delimitação da esfera econômica podem ser empreendidas.

Podemos entender com Gorz (2003) que o voluntariado institucionalizado alimenta a roda da economia, nos setores sociais, de um jeito novo, garantindo-lhe, com o vigor da força de trabalho gratuita, um modo de ser/enunciar no trabalho que sustenta a formação de redes solidárias, fundamentais para um novo tipo de economia baseada na sustentabilidade. Sua presença e atuação ajudam a recuperar esferas da vida em que a oferta desinteressada de um talento, um conhecimento, um auxílio, ganha espaço, em prol da integração social e das relações conviviais.

Ao observar as falas do voluntariado em atividade, ou falas de voluntários sobre sua atividade, apreendem-se dois movimentos que se sobrepõem: (i) por um lado, um falar que condiz com o discurso do voluntariado alinhado ao novo paradigma, um falar, diríamos, mais submetido a coerções discursivas em voga e, em consequência, a discursos que constroem a sustentabilidade; (ii) por outro, falas que trazem à superfície discursiva elementos do perfil convencional de voluntário, perfil este que valoriza a solidariedade e a doação de si e que não vincula sua prática a práticas econômicas. Tais falas, profundamente arraigadas em nossa cultura, são apropriadas pelos discursos institucionais de modo a que deles constituam a base e assim não se perca a motivação central do voluntário da área, que é a de servir de conforto e alívio ao doente ou assistido. É nesse processo específico de apropriação que se constrói aos poucos a equivalência entre a fórmula “sustentabilidade” e fórmulas como “integralidade do tratamento” ou “qualidade de vida do paciente ou assistido” ou “humanização em saúde”.

Não é por acaso que o incentivo ao voluntariado hospitalar, por parte dos gestores em saúde, tem sido uma das principais estratégias utilizadas nos processos de “humanização”, que nada mais são do que o correlato, na relação com o paciente, dos processos que buscam a sustentabilidade econômica das práticas em saúde, visando à qualidade dessas práticas sob a égide do aproveitamento máximo de recursos. Se o discurso novo da sustentabilidade em saúde conseguirá construir-se de modo a mudar

Usos da fórmula “sustentabilidade” na área da saúde: o exemplo das práticas do voluntariado em hospitais

estruturalmente o sistema e torná-lo de fato eficiente e universal é outra questão, que não será discutida no escopo reduzido deste artigo, até porque falta o conhecimento necessário para tal. O que se fará, daqui para frente, é observar como, nas falas dos voluntários em atividade, o discurso se constrói e como tornam perceptível a dupla compreensão da fórmula “sustentabilidade”. Antes, porém, um breve apanhado genealógico dos discursos do voluntariado em saúde e assistência social, considerado necessário para a melhor compreensão de suas imbricações com os discursos da sustentabilidade em saúde.

175

3. Discursos tradicionais do voluntariado

Que discursos são esses? São discursos que constroem a percepção geral de que ser voluntário é ação relacionada a fazer o bem ao próximo e que remontam à fundação das primeiras Santas Casas de Misericórdia no Brasil, onde se realizava a quase totalidade da prática voluntária até a primeira metade do século XX, quando o Estado passa a se engajar formalmente na assistência social, iniciando-se o processo que se estende até os dias atuais e que configura o Estado como principal responsável pela gestão social.

Observe-se que o caráter do trabalho realizado pelas Santas Casas era assistencial e o fundamento moral era a caridade cristã. A não participação direta do Estado desvinculava a ação voluntária da ação político-econômica (relação que irá se desenvolver no voluntariado atual), o que não significa dizer que não houvesse interesses explícitos ou implícitos que mediassem as relações Estado-Igreja e que esses interesses não se fizessem presentes no trabalho realizado nas Santas Casas, potencializando conflitos.

Segundo Pinto (2003:35), as Santas Casas

mantinham hospitais, asilos, cuidavam dos recém-nascidos abandonados pelos pais, dos presos e assistiam às pessoas sentenciadas à morte. A base dessas instituições era o sentimento religioso. A finalidade, atender gratuitamente a enfermos e desvalidos, sem discriminações de raça, nacionalidade ou religião.

Assim, com vieses vários, dependendo das sutilezas das ideologias que sustentam o sentido de voluntariado do momento, a percepção geral é de que a prática voluntária é algo muito bom, relacionado ao bem. Questionar esse sentido geral presente nos discursos tradicionais do voluntariado não é o que move este artigo. A questão que o move é de outra ordem: busca-se compreender, em primeiro lugar, como essa vontade de fazer o bem pode ser condicionada historicamente, de modo que as pessoas o façam de uma certa maneira e não de outra, alterando, assim, de época para época, local para local, a concepção do que seja bom e bem; e, em segundo lugar, como esse “fazer o bem” pode ser posto a serviço de interesses não relacionados diretamente a esse “fazer o bem”, não significando necessariamente que tais interesses sejam “maus”, ou trabalhem para o “mal”, entendendo-me “bem” e “mal” da perspectiva das condições de produção do discurso como a entende Courtine (1981). O autor, admitindo as dificuldades para uma boa definição, considera as condições de produção do discurso como o conjunto das relações que se estabelecem entre os sujeitos de discurso e as formações discursivas que dominam uma sequência discursiva. Assim, a noção de condições de produção do discurso pressupõe a existência de (i) condições históricas dadas e de (ii) sujeitos que, simultaneamente, sofrem sua influência e nelas interferem.

Dando sequência a esta breve genealogia (que é também uma breve historiografia), em 1942, a primeira-dama Darcy Vargas fundou a LBA (Legião Brasileira de Assistência), que, embora sociedade civil de fins não econômicos, e com estatuto próprio, configurava-se como parceira do Estado no cumprimento de sua função social. O modelo da LBA perdurou por muitos anos, sendo suplantado apenas muito recentemente, durante o governo FHC. Tal modelo consolidou a tradição de imputar às primeiras-damas do governo federal e dos governos locais a responsabilidade pela condução dos trabalhos de cunho social. Embora entidade parceira do Estado, o trabalho realizado e o perfil do voluntariado da LBA não se distanciaram significativamente do modelo das Santas Casas quanto ao caráter e fundamento moral.

Nascida no contexto da segunda guerra mundial, a LBA encontrou grande receptividade das comunidades, cujos membros, em especial mulheres, logo se afiliaram como voluntários. Nas décadas de 70 e 80, os governos federais reconheceram a

Usos da fórmula “sustentabilidade” na área da saúde: o exemplo das práticas do voluntariado em hospitais

importante participação do voluntariado nas ações assistenciais promovidas pela LBA, concluindo que, sem sua participação, os montantes gastos e o tempo de execução seriam tamanhos que inviabilizariam a implementação das ações. É, assim, nesse período que se constata a importância do voluntariado na economia e que se consolida, paulatinamente, sua recategorização como atividade da esfera do trabalho.

No Brasil, em 1979, final do período militar, o vínculo da LBA com o Estado aumenta. No novo estatuto da entidade, promulgado naquele ano, consta, como objetivo central, que a LBA passaria a ser a responsável pela implementação e a execução da política nacional de assistência social. Nesse momento, os laços entre ações assistenciais de caráter comunitário e voluntário (representadas pelo esforço da sociedade civil) e Estado como gestor das questões sociais (neste ponto já se inclui a educação no rol dessas questões) já estão configurados. As mudanças ocorridas na década de 1990, com a promulgação da Lei do Voluntariado (lei 9.608/1998) e do estabelecimento da Comunidade Solidária pela então primeira-dama, Ruth Cardoso, não teriam ocorrido sem todas essas décadas de preparação. A consciência política que relaciona voluntariado à ação política e econômica só começa a se formar a partir de então, sob forte coerção do Estado. A transição deste posicionamento discursivo novo para um outro, ainda mais novo e amplo, que é o posicionamento discursivo que implementa e faz circular a fórmula “sustentabilidade” na área da saúde e assistência social, é quase uma decorrência lógica, imbricadas que estas áreas estão, nos dias atuais, nos campos político e econômico, onde nasceu, circula e se expande o discurso da sustentabilidade.

Convém ressaltar que as mudanças que se aceleram na década de 1990, e que ampliam a concepção do que seja voluntariado, não foram mudanças localizadas. O contexto mundial era um contexto que exigia reformas nos Estados, que se afiguravam incapazes de cumprir com seu papel social, daí a exigência de incorporação das práticas voluntárias nos setores econômicos, em que se inclui a área da saúde, atravessada que está pelos fatores políticos e econômicos.

4. As falas dos voluntários hospitalares em atividade e a apreensão da fórmula “sustentabilidade”

Os manuais que orientam a prática voluntária em hospitais reforçam muito a questão da qualidade, alinhando-se assim aos princípios gerais do discurso da sustentabilidade em saúde, que prioriza a qualidade por meio do melhor e máximo aproveitamento dos recursos materiais e humanos disponíveis. A qualidade, tal qual esboçada nos manuais, se refere mais à importância do cumprimento das normas institucionais e menos à relação voluntário/paciente e à postura afetiva e emocional do voluntário frente ao doente.

O trecho a seguir foi extraído de uma das entrevistas realizadas com voluntários em hospitais, entrevistas que são parte da pesquisa mencionada anteriormente. Trata-se de voluntários que atuam junto a crianças em tratamento de câncer e que possuem um vínculo emocional forte com a atividade e com as pessoas com quem interagem.

Ao ser indagada sobre a quantidade de manuais ao seu dispor – manuais que têm o objetivo principal de nortear a prática voluntária e de esclarecer a relação entre voluntariado, trabalho social e qualidade –, a voluntária mostra alinhamento aos discursos institucionais que prezam a sustentabilidade. Ressalte-se que o termo “sustentabilidade” não é comum nos manuais, mas dele advém o conceito de qualidade contínua explicitado pela entrevistada, ao final do trecho:

QUANTOS MANUAIS VOCÊS TÊM?...

... **olha o manual tem só o da... da qualidade... né...**

... QUE É O MAIS ATUAL...

... é o mais atual... é...

... QUE CONSOLIDOU TODAS AS ÁREAS... É ISSO?...

... **isso... isso... as normas... da... da os procedimentos... assim sabe...**

... E QUE GEROU A QUALIFICAÇÃO?...

... gerou a qualificação... foi um trabalho de dois anos e meio *né...* que a gente batalhou e é **essa qualidade contínua que a gente tem que ter né...**

O alinhamento ao discurso da sustentabilidade em saúde, no entanto, não se dá sem hesitações, que podem ser entendidas como marcas discursivas que vinculam

Usos da fórmula “sustentabilidade” na área da saúde: o exemplo das práticas do voluntariado em hospitais

indiretamente sua fala aos discursos tradicionais do voluntariado, pois mostram um certo desconhecimento da voluntária sobre os manuais e seu conteúdo, o que revelaria um certo desinteresse pelas novas práticas. A pesquisadora precisou direcionar bem a fala a fim de obter da entrevistada respostas que a fizessem comentar os manuais. Na última fala da voluntária, a expressão duplamente grifada refere-se a jargão constantemente repetido nos manuais e nos treinamentos a voluntários: “qualidade contínua”. “Qualidade contínua” é um dos motes dos novos discursos do voluntariado, institucionalizados e fruto das novas práticas sustentáveis e humanizadoras, que por sua vez circulam como novos discursos que alimentam a prática voluntária. Desta forma, o alinhamento aos novos discursos não se dá de forma plena. A fala viva explicita o momento histórico de transição das práticas voluntárias e torna visível o funcionamento da linguagem, que se dá sempre afetado pelas condições de produção do discurso ou, com já dito anteriormente, pela existência de (i) condições históricas dadas e de (ii) sujeitos que, simultaneamente, sofrem sua influência e nelas interferem.

Neste outro fragmento, outra voluntária distancia-se dos discursos institucionais e alinha sua fala a discursos do voluntariado convencional, que não entende sua atividade como trabalho e não a relaciona ao âmbito da economia, de onde nasce a fórmula “sustentabilidade”:

... O QUE QUE VOCÊ ACHA DOS MANUAIS QUE ORIENTAM O TRABALHO VOLUNTÁRIO?...

... não... a gente segue *né* aquilo.. não não tenho.. nada assim contra...

... ELES AJUDAM OU ATRAPALHAM?...

... não... ajudam... ajudam... ajudam... sim...

... EM ALGUM MOMENTO VOCÊ SE VIU OBRIGADA A NÃO CUM/ RESPEITAR... UMA NORMA DO MANUAL?...

... *hum*...

... PODE FALAR A VONTADE...

... não... a gente faz umas coisas que não pode *né*... mas...

... QUANDO O CORAÇÃO FALA MAIS ALTO...

... é ... é isso... é... depois eu trabalho com a Dora e a Patrícia... **elas são muito humanas**... então... **não é que a gente protege uma ou outra criança... é que a gente vê que tá precisando *né*...**

... *HUM... HUM...*

... então a gente ajuda...
... E VOCÊ SE ARREPENDE?..
... não... não... não...

Neste fragmento, a voluntária mostra seu vínculo afetivo e emocional com o doente e relaciona “ser muito humano” a práticas não necessariamente prescritas, e assim não relacionadas ao mundo do trabalho e à economia. As oscilações e repetições podem ser entendidas como marcas discursivas que explicitam o que, em tese, não pode ser dito, pois trata-se de um dizer que se contrapõe a práticas institucionais e discursivas ora em vigor. Mais uma vez, a entrevistada precisou ser estimulada para enunciar um posicionamento marcado pela heterogeneidade ou, em outras palavras, pelo atravessamento de discursos.

Ao considerar que Dora e Patrícia são “muito humanas”, a voluntária se alinha aos discursos tradicionais que sempre sustentaram as práticas voluntárias em hospitais. Tais discursos constroem o sentido do que seja “humano” de modo diverso do sentido geral de “humanização” tal qual difundido atualmente na área da saúde e assistência social, e aqui considerado o correlato lexical que mais faz circular a fórmula “sustentabilidade”.

Os enunciados “não é que a gente protege uma ou outra criança” e “a gente vê que tá precisando”, por sua vez, funcionam a partir do pressuposto de que as novas normas, instituídas nos manuais, serviriam para não beneficiar uma ou outra criança em particular (contornando-se as simpatias e antipatias comuns nas relações pessoais que possam significar tratamento desigual às crianças). No entanto, a experiência da voluntária e seu alinhamento aos discursos tradicionais motivam outro tipo de postura: a de que aos iguais deve ser dado tratamento diferenciado, ao menos vez ou outra.

5. Considerações finais

As instituições hospitalares têm, em geral, se apropriado de modos de dizer/fazer que se referem à qualidade afetiva no atendimento ao doente (por voluntários, profissionais de saúde e assistentes sociais), nem sempre normatizada ou normatizável

Usos da fórmula “sustentabilidade” na área da saúde: o exemplo das práticas do voluntariado em hospitais

para, insistindo no quesito “qualidade contínua”, transformar em “sustentabilidade” o que, de modo mais singelo, chamaríamos de “atendimento mais humano”. A fim de tornar os novos discursos (e suas práticas) mais bem absorvidos pelos voluntários, a fórmula “sustentabilidade” apresenta-se frequentemente sob a forma de seu correlato “humanização”.

A fórmula “sustentabilidade” em saúde, em seus vários sentidos, parece surgir para equilibrar a tensão entre discursos institucionais e não institucionais, na medida em que abarca em si mesma a heterogeneidade da área e faz com que os sujeitos envolvidos tenham condições de depreender sua ação como sustentável, independentemente de uma definição clara do termo, pois a fórmula se constrói na interface dialógica entre discursos institucionais/econômicos e não institucionais/não econômicos, ao integrar um novo sentido de economia a um sentido geral de bem estar e qualidade de vida.

Quanto à utilidade da noção linguístico-discursiva “fórmula” para a compreensão dos sentidos produzidos em certos contextos sociais, podemos dizer que a noção configura-se como importante categoria de análise, na medida em que funciona como um eixo organizador de sentidos. Importante salientar que a fórmula, a nosso ver, pode estar pressuposta nas falas enunciadas. A apreensão de seu funcionamento, assim, não pode dispensar uma compreensão/interpretação aprofundada do contexto de produção em que circula.

Saliente-se, finalmente, que a fórmula “sustentabilidade”, tal como circula nas áreas de saúde e assistência social, embora promova a adesão dos sujeitos aos discursos em construção e a implementação de novas práticas sociais, não as promove de modo homogêneo ou isento de contradições.

Resta indagar se os voluntários entrevistados consideram sua prática uma prática de sustentabilidade. Minha hipótese é que dirão “sim”, se for possível entender “sustentabilidade” na prática do voluntário em referência a noções como afetividade, suporte emocional e apoio espiritual. As coerções discursivas operam na direção de tornar esta resposta possível, ao operarem fortemente na construção da fórmula correlata: “humanização”.

Referências Bibliográficas

- COURTINE, J-J. 1981. Analyse du discours politique. *Langages*, n. 62.
- GORZ, A. 2003. *Metamorfoses do trabalho: crítica da razão econômica*. Trad. Ana Montoia. São Paulo, Annablume.
- KRIEG-PLANQUE, A. 2011. La formule “développement durable”: um opérateur de neutralisation de la conflictualité. *Langage et Société*, n. 135.
- _____. 2010. *A noção de fórmula em análise do discurso: quadro teórico e metodológico*. São Paulo, Parábola Editorial.
- PICCARDI, T. 2012. *A identidade do voluntário no mundo do trabalho: construção de um novo perfil*. São Paulo, Annablume/FAPESP/AHPAS.
- PINTO, L.F. da S. 2003. *Gestão-cidadã. Ações estratégicas para a participação social no Brasil*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro, FGV.

Tatiana Piccardi has a doctorate in Portuguese Language from the University of São Paulo (Brazil), a post-doctorate in linguistics at the State University of Campinas (Brazil). Nowadays she is a researcher at the Federal University of São Paulo (Brazil). Her research is supported by Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. E-mail: tpiccardi@gmail.com